

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Pedro Ferreira Belo Teixeira

A CRIANÇA E A ARTE DO DESENHO:

Uma análise sobre as práticas pedagógicas com o desenho na etapa final da Educação
Infantil.

Garanhuns

2018

Pedro Ferreira Belo Teixeira

A CRIANÇA E A ARTE DO DESENHO:

Uma análise sobre as práticas pedagógicas com o desenho na etapa final da Educação Infantil.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Orientadora: Prof.^a Ms^a Valéria Suely Simões Barza

Garanhuns

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna, Garanhuns-PE, Brasil

T266c Teixeira, Pedro Ferreira Belo

A criança e a arte do desenho: uma análise sobre as práticas pedagógicas com o desenho na etapa final da educação infantil / Pedro Ferreira Belo Teixeira. – 2018.

55 f. : il.

Orientador(a): Valéria Suely Simões Barza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Pedagogia, Garanhuns, BR-PE, 2018.

Inclui referências, anexos e apêndice

1. Arte 2. Educação infantil 3. Práticas pedagógicas 4. Desenho
I. Barza, Valéria Suely Simões, orient. II. Título

CDD 371.3

Pedro Ferreira Belo Teixeira

A CRIANÇA E A ARTE DO DESENHO:

Uma análise sobre as práticas pedagógicas com o desenho na etapa final da Educação Infantil.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms^a Valéria Suely Simões Barza

Prof.^a. Ms^a Milena Fernandes Gomes Pinto

Prof.^a. Dr^a Juliana Galindo Oliveira Pontes

AGRADECIMENTOS (Pensamentos)

O tempo passa e não nos damos conta do quanto aprendemos e evoluímos nesse decorrer, até porque não ficamos observando o quanto somos imaturos e precisamos de ajuda para aprender. Passei um bom tempo da minha vida pensando em como aprender, evoluir, ser alguém... como minha mãe repetia sempre que tinha oportunidade: vai estudar para ser alguém na vida menino! Pois é, aqui estou, agradecendo a todos que participaram de uma conquista que irá abrir meus caminhos para novas propostas, oportunidades... mas vamos com calma.

Inicialmente queria agradecer ao motivo maior que sempre esteve ao meu lado, você mãe! Sim, você aquela jovem e linda mulher que criou os 3 filhos embaixo de muito suor e dificuldade, mas sempre com muita coragem e determinação. Sempre sendo minha inspiração, até mesmo quando falei que não queria ser Pedagogo, que não queria seguir os teus passos, sempre admirei e tive você como minha principal referência, meu “porto seguro”. Os anos se passaram e estou aqui, digitando essas palavras mais parecendo uma carta voltada para você do que os agradecimentos “gerais” que foi solicitado (risos). Então, te amo mãe, obrigado por ter cuidado de mim, por acreditar em mim, por me educar, amar, alimentar... por tudo que você fez com amor, sem isso eu nada seria do que sou agora, um homem, um pai e um amigo, e agora, mais uma conquista tudo graças a você. Muito obrigado.

Quando entrei na Universidade conheci muitas pessoas que são especiais até hoje, espero citar todos os “principais figurantes desse cenário”. Vamos começar com meus colegas de curso, sim, aqueles que sempre pude contar, ajudar e dividir, como Well (Wellington Antônio), Zé, Marianna Salgado, a louca da Leyce, Junior Barros, enfim, a todos aqueles que pude não só chamar de colegas, mas de verdadeiros amigos, e que perdurem essas novas amizades!

Agora vem a melhor parte, meus queridos docentes, vocês que me aturaram, que me engoliram em algumas situações, mas que em outras fomos parte de uma família, eu queria deixar claro, que foi a melhor experiência da minha vida até então, conviver com vocês, com o conhecimento! Cada integrante de um quadro chamado “professores do curso” foram

mais do que especiais. Cada área do conhecimento sendo explorada, discutida, expandida, desmembrada. Tudo bem que nem todos agradam, obviamente, mas aprendi muito com todos. Em especial, Marcelo Machado Martins, esse homem me ensinou em pouco tempo, muito, deixando uma mensagem de luta e de conquistas futuras a serem desbravadas, obrigado meu amigo, você foi quase um pai para mim lá dentro. Lucas Castro, esse “figura” conheço antes da Universidade, muito amigo do meu pai, muito obrigado Lucas, pela amizade, por me aconselhar sobre diversas dúvidas e degraus que eu ainda ei de enfrentar, você foi meu amigo docente que mais me inspirou em continuar e não desistir. À Leila Nascimento por sua doçura e paciência não só comigo, mas com todos a sua volta. Alzenir eu não vou nem detalhar muito, uma pessoa que foi compreensiva, ouvinte e amiga, as oportunidades que você possibilitou fizeram eu evoluir muito mais do que aparentou, obrigado. E claro para fechar, aquela pessoa mais do que especial, sim, aquela pessoa que te atura, te espreme quando precisa, te orienta, acompanha... a sua “fada madrinha” na Universidade. Estou falando de você Valéria Barza, minha professora, orientadora, coordenadora (tanto no curso quanto no PIBID) e acima de tudo, minha amiga. Obrigado por entender e ter paciência nas horas que precisei, obrigado por ser essa pessoa nítida, firme e coerente, a bondade brilha em suas atitudes e palavras, desejo tudo de melhor que existe para você, muito obrigado de coração.

Pois é, não tem muito o que falar, acredito que todos aqueles que acreditaram, que me instruíram, que me desafiaram, que possibilitaram oportunidades, os que conviveram, os que fazem parte da minha vida agora, os que de alguma forma não fizeram nada diretamente, mas que por algum motivo fizeram parte dessa história:

Muito obrigado!

“A Arte existe para que a
realidade não nos destrua!”

Friedrich Nietzsche

Resumo

O desenho é uma linguagem utilizada pelas crianças para manifestar de forma consciente ou inconsciente seus sentimentos e emoções, um instrumento repleto de imaginação, expressão e fantasias. Essa manifestação acontece principalmente durante a Educação Infantil, e que a partir dela, o docente pode interagir com as crianças contribuindo para o desenvolvimento de aprendizagens ou superando obstáculos que surgem no decorrer do ano letivo. Durante muito tempo o desenho foi considerado como um passatempo, algo para preencher horários vagos ou para distrair as crianças em casos de ausência de conteúdo programado/planejado. Hoje, cabe ao professor utilizar o desenho como instrumento para o desenvolvimento de atividades criativas e construtivas abandonando concepções antigas e oportunizar a aprendizagem a partir de atividades pedagógicas que consideram o desenho como suporte fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem.

Palavras-chaves: Desenho, Arte, Educação Infantil, Práticas Pedagógicas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1. A Criança, a Infância e a Educação Infantil.....	10
2.2. A Arte na Educação Infantil.....	12
2.3. Explorando o desenho como linguagem.....	13
2.4. O desenho e a Psicologia.....	15
3.METODOLOGIA	20
4. ANÁLISE DE DADOS	23
4.1. Analisando a prática da Professora A.....	23
4.1.1. Análise da Entrevista da Professora A.....	27
4.2. Analisando a prática da Professora B.....	34
4.2.1. Análise da Entrevista da Professora B.....	37
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXOS.....	47

1- INTRODUÇÃO

Podemos perceber no cotidiano escolar, principalmente na Educação Infantil, que as crianças desenvolvem e utilizam diferentes linguagens como a escrita e o desenho. Pillar (2012) descreve que essas linguagens são sistemas de representação que permitem a comunicação e interação das crianças com o meio social. Esses sistemas possibilitam à compreensão do mundo e também a manifestação e desenvolvimento de aprendizagens. O desenho e a escrita são sistemas que utilizamos para “nos mostrarmos aos outros, duas linguagens gráficas para expressarmos nosso modo singular de ver o mundo, quem somos, o que e como pensamos e sentimos.” (PILLAR, 2012. Pág. 17)

Portanto, foi escolhido o desenho infantil como objeto de estudo para essa pesquisa já que o desenho é uma das linguagens mais utilizadas pelas crianças na Educação Infantil e que é através do desenho que a criança coloca sua imaginação, fantasias, alegrias, medos e tristezas e tudo o que foi sendo construído e desenvolvido ao longo de sua vida. Partindo da compreensão de que o desenho é uma linguagem da criança que permite e estimula a criatividade e imaginação, e ainda, a manifestação de pensamentos nos vem à mente alguns questionamentos: Como essa linguagem é desenvolvida pelos docentes no último ano da Educação Infantil? De que forma os professores fazem uso dessa linguagem no cotidiano das salas da educação infantil?

Diante das indagações acima, o nosso objetivo geral é analisar as práticas docentes de duas professoras que lecionam no último ano da Educação Infantil tomando como foco o desenvolvimento das práticas pedagógicas com o desenho. Ainda, pretendemos: a) observar as práticas docentes, identificando a periodicidade do uso do desenho; b) quais os contextos de produção dos desenhos, produzidos pelas crianças; importante destacar que estamos considerando o desenho como linguagem da criança e, também como um sistema de representação que pode ser relacionado ao processo de ensino/aprendizagem (PILLAR, A. D. 2012, pág. 43).

Os principais autores utilizados para fundamentar essa pesquisa foram: Pillar (2012), Oliveira (2004), Piaget (1982, 1985 e 1987), Vygotsky (1989), Hanauer (2013) e Augusto (2014).

Este trabalho está dividido em 3 capítulos, no primeiro capítulo trazemos uma breve análise sobre as concepções de Infância e o surgimento e desenvolvimento da Educação Infantil a partir dos documentos oficiais que validam a mesma. Não só isso, buscamos demonstrar a importância da Arte junto às práticas pedagógicas, o papel fundamental do desenho no que concerne o desenvolvimento do ensino/aprendizagem e a concepção da Psicologia sobre o desenho e o uso dele como linguagem em sala de aula.

A metodologia vem no capítulo 2 descrevendo: o tipo de pesquisa e a abordagem utilizada, as escolas e sujeitos que fizeram parte da pesquisa, o período de realização da coleta de dados e os instrumentos de coleta. No capítulo 3 a análise dos dados coletados das duas professoras que observamos e entrevistamos e, por fim, teceremos algumas considerações finais após os dados analisados.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A criança, a Infância e a Educação infantil

A criança sempre foi vista de forma superficial, como apenas uma miniatura do adulto. Vários autores retratam a criança como uma oposição ao adulto, ou pela falta de idade ou pela falta de maturidade (ANGOTTI, 2014; KRAMER, 2003). Assim, a história social da infância e da criança está atrelada a caminhos de lutas de educadores e movimentos sociais na garantia da conquista de espaço na sociedade e de direitos adquiridos.

Para garantir alguns direitos à criança e a sua família foram estabelecidas no Brasil em 1988, 1990 e 1996 as respectivas normativas: a Constituição Federal, que buscaram garantir a educação como dever do Estado; O Estatuto da Criança e do Adolescente- Lei nº 8069/90 (BRASIL, 1990) que recomenda uma pedagogia voltada para a infância, garantido e exigindo os direitos e deveres relativos às crianças; e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN- Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) que promoveu a Educação Infantil como etapa da Educação Básica prestando um atendimento público, gratuito e de qualidade em parceria com as famílias e as comunidades.

A partir desse momento, buscou-se que a criança passasse a ter seu espaço mais respeitado e garantido, onde se considera o cuidar e educar como ações desenvolvidas em conjunto com os profissionais e, de forma indissociável, respeitando, portanto, as especificidades das crianças atendidas.

A preocupação com o atendimento oferecido nas instituições educacionais ainda constitui um desafio tanto para os pesquisadores, estudiosos, quanto para os educadores e pais das crianças, sobretudo na implantação do caráter pedagógico nessas instituições. Deste modo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (Parecer CEB/CNE nº 05/2009) foi outro documento importante para orientar e organizar as propostas pedagógicas das instituições que atendem as crianças de zero aos cinco anos. Vejamos o que diz o documento:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir a criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à

confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência, e à interação com outras crianças. (BRASIL. 2010, pág. 18.)

Portanto, buscamos atualmente desenvolver ações pedagógicas mais comprometidas com práticas que favoreçam às crianças atividades lúdicas, provedoras de interações, brincadeiras e que explorem produções culturais. É importante o desenvolvimento das diferentes linguagens da criança já que essas linguagens podem ser uma forma de comunicação utilizada pelas crianças.

A busca pelas ações descritas acima ainda é um desafio para os educadores e gestores das instituições implantarem em seu cotidiano, já que tendo em vista que o brincar nem sempre está associado a escola, pois muitos pensam que ou se brinca ou se aprende quando nos referimos a prática pedagógica em sala de aula, que elas não podem ser associadas. A garantia do ensino de qualidade e do respeito à criança passa despercebida quando pensamos nas crianças como seres que são incapazes de realizar determinadas tarefas devido a falta de idade ou tamanho. Para falar das necessidades precisamos definir o conceito de Infância. Kranmer (1984) faz uma análise de como é definido o conceito de Infância segundo as pesquisas realizadas por Moyses (1996), que mostra o conceito de Infância, definido por diferentes fontes existentes, como algo vago, sem características próprias, onde observamos que socialmente a criança é vista como um adulto “não evoluído”:

Nos dicionários de língua portuguesa, infância é considerada como o período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento à puberdade. Para o Estatuto da criança e do adolescente (Lei nº 8.069, de 17/07/90) criança é a pessoa até os 12 anos de idade incompletos e adolescente aquele entre 12 e 18 anos. Etimologicamente, a palavra infância refere-se a limites mais estreitos: oriunda do Latim que significa a incapacidade de falar. Essa incapacidade atribuída em geral ao período que se chama de primeira infância, às vezes era vista como se estendendo até os sete anos, que representaria a passagem para a idade da razão. (MOYSÉS KUHLMANN apud KRANMER. 1984, pág. 18)

Percebe-se que a Infância tem um significado supérfluo quando buscamos sua referência na maior parte das interpretações encontradas por Moyses (1996, pág. 16), interpretações estas que descaracterizam a infância dando divergentes conceitos e modificando seu verdadeiro sentido. A Infância é algo bem mais complexo que isso, Kranmer (1984, pág.18) revela que “é preciso considerar a Infância como uma condição da

criança”. Considerar a criança como sujeito pertencente à história e produtor da história, pois o conjunto de experiências vividas por elas é muito mais do que uma simples representação. Portanto podemos dizer a infância é um conceito social, que não pode existir um conceito único sobre ela, já que podemos dizer que existem diferentes e variadas “infâncias”, que cada uma é construída e desenvolvida de acordo com seu tempo histórico, contexto social, econômico e político. Para garantir o direito das crianças as DCNEI’s determinam que sejam proporcionados os desenvolvimentos de diferentes aspectos e habilidades, como veremos a seguir no próximo tópico.

2.2 A Arte na Educação Infantil

Par auxiliar a elaboração das Propostas Pedagógicas e de ensino, bem como na organização do cotidiano das crianças nas instituições de educação infantil, as DCNEI’s apontam princípios que devem orientar as ações a serem desenvolvidas. São eles:

Princípios éticos – valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Princípios políticos – garantia dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Princípios estéticos – valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais. (DCNEI, Art. 6, I, II e III).

Acreditamos que os Princípios estéticos assim como os demais princípios podem fazer parte do cotidiano das crianças nas instituições de educação infantil. Uma vez que valoriza e contempla o trabalho as diferentes linguagens das crianças.

Segundo Oliveira (2010) num texto que explorar as DCNEI e revela a organização do trabalho do professor pautado nos princípios acima expostos, ela aponta como proposta a seguinte ação: “valorizar o ato criador e a construção pelas crianças de respostas singulares, garantindo-lhes a participação em diversificadas experiências”; (OLIVEIRA, 2010, P. 8). Tal indicação dá margem ao professor a diferentes propostas de atividades, permitindo que o professor permita a criança ser sujeito de suas ações. Como ato criador, entendemos que as crianças pintem, desenhem e escrevam de forma autônoma e criativa nas diferentes atividades e no manuseio de diferentes materiais. Para Albano (2004, pág. 30) para se conseguir uma pedagogia que valorize a Infância “a Arte deve ser entendida

como base epistemológica para se pensar uma Pedagogia da Infância. ” A Arte aqui entendida “como um modo de ver e dizer de si e do mundo. Um modo de pensar por imagens. Que é o modo de pensar a infância, quando pensamento-sentimento-sensação-percepção ainda operam integradas” (ALBANO. 2004, pág. 30).

O uso da Arte nas escolas brasileiras por muito tempo foi tratado como passatempo e não levada em consideração a sua relevância com o processo de ensino/aprendizagem pelos docentes (AUGUSTO. 2014, pág. 38.).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacional da Arte:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. (1997, pág. 19)

Portanto, a Arte desenvolve através do fazer artístico pedagógico: a experiência poética, que envolve a técnica e a produção como significado a partir da utilização de diferentes materiais; o fazer artístico como desenvolvimento de potencialidades como a percepção, a reflexão, a sensibilidade, a imaginação, a intuição, a curiosidade, e a flexibilidade; o fazer artístico como experiência de interação onde as crianças interagem a partir de celebrações e simbolização de histórias grupais; e o objeto artístico como forma e como produção cultural, a estrutura e as leis internas de formalidade, a história e a diversidade, como o PCN da Arte (1997, pág. 44 e 45) propõe.

O desenvolvimento das crianças a partir das atividades artísticas cria valores, significados e sentimentos, proporcionando o desenvolvimento e formação cognitiva, assim como, melhorando os laços afetivos e a expressão corporal. A Arte possibilita a inserção da criança na sociedade como cidadão, mas não somente isso, ela desenvolve a criatividade, a imaginação, a releitura e interpretação (PCN-Arte, 1997, pág. 44 e 45).

Portanto segundo as DCNEI (2009) as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem partir de eixos que valorizem as interações e as brincadeiras. A Arte é uma das formas para proporcionar essas experiências para as crianças como Albano (2004, pág. 30) descreve que existem possibilidades a partir do uso das diferentes linguagens da Arte em sala de aula, no planejamento e nas práticas pedagógicas, buscando fornecer “a imersão das

crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical, como as DCNEI (2010, pág. 25) determinam.

De acordo com nossa proposta em analisar o desenho nas práticas pedagógicas com crianças da última etapa da Educação Infantil, iremos discutir de modo mais aprofundado no item a seguir, as concepções acerca do desenho infantil.

2.3 Explorando o desenho infantil

A Arte e suas múltiplas linguagens estão presentes no cotidiano escolar e são exploradas de diferentes maneiras por diferentes docentes. Essas linguagens são vistas por Vygotsky (apud AUGUSTO. 2010, pág. 44) como mediadoras do desenvolvimento do olhar humano, ou seja, é o que possibilita o ser humano desenvolver diferentes dimensões biológicas e sociais, a partir das experiências e do contato social.

O desenho é considerado uma dessas linguagens que vem como uma forma de comunicação construída ao longo dos anos. Hanauer (2013, pág. 75) afirma que “o desenho, também, pode ser considerado um signo, que deixa pistas através da linguagem gráfica”, não só isso, “o desenho, como forma de linguagem, indica signos históricos e sociais, que possibilita ao homem significar o seu mundo”.

É a partir do desenho que a criança se comunica, se expressa, se diverte. É através do desenho que a criança imagina, cria e manifesta suas emoções. O desenho é uma das linguagens da criança, e não somente isso, é um sistema de representação que se manifesta diariamente, espontaneamente, desenvolvendo diferentes princípios básicos na criança, bastando somente o acompanhamento adequado do docente junto às produções sucessivas das crianças (AUGUSTO. 2013, pág.48). Portanto, o desenho é:

Uma atividade criativa, promotora de aprendizagem e transformadora. Isso pode ser visto no modo como as crianças transformam o desenho, ao mesmo tempo que foram transformadas por ele e, por outro lado, na maneira como os adultos se modificaram na experiência mediada de leitura dos desenhos infantis. (AUGUSTO. 2014, pág. 204)

Nos primeiros anos na escola, os desenhos na Educação Infantil se tornam a comunicação da criança, onde retrata segundo sua visão, sua vivência cotidiana

(HANAUER. 2013, pág. 74). É importante mencionar que o desenho não se configura somente nos traçados e pinturas, mas em uma imensa extensão que deve ser explorada dentro da escola (MOREIRA, 1993, pág. 16).

O desenho deve ser explorado nas práticas pedagógicas, buscando elaborar atividades de acordo com os materiais disponíveis para melhor explorar o desenvolvimento da aprendizagem das crianças e a dinâmica com atividades mais lúdicas em sala de aula.

Para que isso seja possível Gobbi (2010) defende que é papel dos adultos proporcionarem essas experiências, desconsiderando o fato de somente trabalhar com uma linguagem (a escrita) e dando espaço para novas experiências a partir de novas perspectivas.

Cabe aos adultos, junto com seus pares e as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e pré-escolas em que as manifestações infantis estejam presentes sendo compreendidas em sua inteireza, não se deixando conduzir apenas pela linguagem verbal ou escrita desconsiderando demais formas expressivas. (Gobbi, M. 2010, p. 01)

Gobbi (2010) alerta sobre a importância de se trabalhar diferentes linguagens que não sejam somente a linguagem verbal e escrita e que a comunidade escolar deve ter isso como objetivo, já que se tratando do desenvolvimento de linguagens, ao considerar e valorizar esses sistemas que a criança está utilizando, o docente pode interagir de forma a desenvolver melhor as relações de ensino/aprendizagem, respeitando e possibilitando melhor o desenvolvimento de seu planejamento. Como respalda Oliveira:

Conforme as crianças se apropriam das diferentes linguagens, que se inter-relacionam, elas ampliam seus conhecimentos sobre o mundo e registram suas descobertas pelo desenho, modelagem, ou mesmo por formas bem iniciais de registro escrito. (OLIVEIRA. 2010, pág. 11).

2.4 O desenho e a Psicologia

Diferentes pesquisadores contribuíram com o desenvolvimento da aprendizagem das crianças analisando o desenho infantil e estruturando níveis de desenvolvimento ou estágios de evolução do desenho, como Jean Piaget (1982, 1985 e 1987), Vygotsky (1989), Henri Wallon (1979), Henri Luquet (1969), Analice Pillar (2012), entre outros. Alguns desses estudiosos analisam o desenho como uma manifestação involuntária da criança que

se alimenta do meio cultural e das influências externas para desenvolver o desenho. Outros defendem que a produção do desenho é algo espontâneo das crianças, mas que para desenvolver níveis mais complexos elas precisam passar por diferentes estágios que são desenvolvidos a partir da relação sujeito-meio. Pillar (2012) descreve esses dois pontos de vista como estudos que se filiam, identificando a relação da criança com o desenho como objeto de conhecimento.

Por desenho compreende-se, aqui, o trabalho gráfico da criança que não é resultado de uma cópia, mas da construção e da interpretação que ela faz dos objetos, num contexto sociocultural e em uma época. (PILLAR A D. 2012, pág. 43)

Portanto esta pesquisa analisará o desenho como um processo de representação, onde a criança se comunica e expressa seus pensamentos e sentimentos de forma espontânea, influenciadas pela intervenção pedagógica.

Para Piaget (1982) o desenho infantil se manifesta desde os primeiros meses de vida, começando de forma involuntária até a conscientização da representação do imaginário para o real (papel). Ao chegar nesta fase pré-operacional cresce na criança a vontade de representar coisas, de manifestar emoções dando significado ao desenho, buscando um sentido mais realístico para seus esforços.

Portanto, se pensar consiste em interligar significações, a imagem será um 'significante', e o conceito, um significado. (apud PILLAR. 2012, pág. 31)

Piaget (1982) tem a imagem como um símbolo concreto do conceito que está sendo explorado, ou seja, a imagem é significante segundo o conceito. Já o conceito é tratado como significado, ou seja, apesar de não ser reduzido a um sistema de imagens, ele se faz acompanhar das imagens. As relações de significado estão relacionadas diretamente às manifestações significantes, a partir da imagem.

O desenho por si só é um trabalho gráfico realizado pela criança que é resultado das experiências somadas à intervenção do meio para/com o indivíduo. Vale salientar que o desenho aqui não é visto como uma cópia, mas sim uma manifestação e construção individual das crianças, desenvolvidas dentro de um contexto sociocultural de uma época. Pillar (2012) menciona que Piaget (1982) considera duas linhas de pensamento com relação

à produção do desenho: a primeira é que o sujeito é modelado pelo meio, de fora para dentro, sem nenhuma organização vinda por parte do sujeito, sendo desenvolvido a partir de hábitos adquiridos. Nessa linha de pensamento o desenvolvimento do desenho acontece graças às intervenções externas que desempenham um papel fundamental na aquisição do conhecimento; em uma segunda linha de pensamento Piaget (1982) considera que a criança nasce com capacidades e só resta desenvolvê-las, sendo que isso é involuntário às crianças. Esse pensamento supõe a existência de um sistema estruturado que com o decorrer do contato com o meio, as produções vão se tornando cada vez mais ricas e complexas.

Ambas as visões demonstram a importância da intervenção pedagógica para/com o desenvolvimento de atividades com o desenho infantil, a importância das relações construtivistas promovendo um diálogo entre o sujeito e o meio:

O construtivismo, no enfoque da teoria de Piaget, postula a relação do sujeito com o objeto do conhecimento como algo que não depende só do meio, nem como uma construção interna do sujeito, mas, sim, como uma criação que resulta da interação sujeito-meio. Logo, o conhecimento não é um dado inicial, mas um caminho a ser percorrido, a ser construído pela atividade do sujeito (PILLAR, A. D. 2012, pág. 24).

Entende-se como uma visão construtivista a relação entre os sujeitos e toda construção de conhecimento desenvolvida a partir dessas relações, respeitando seu conhecimento prévio e buscando desenvolver e estimular a aprendizagem de acordo com o tempo de cada indivíduo.

O desenho infantil para Vygotsky segundo Oliveira (2004) é um sistema de representação, que para o autor são signos compartilhados por indivíduos dentro de um determinado grupo social, permitindo a comunicação e aprimorando a interação social:

Os sistemas de representação da realidade são, portanto, socialmente dados. É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que lhes fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão constituir os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo. (OLIVEIRA, 2004, pág. 36)

Os sistemas de representação são mediadores entre o indivíduo e o mundo, permitindo assim a manifestação do homem sobre o mundo, compreendendo e podendo operar sobre ele. Oliveira (2004) ainda reforça que é essencial a relação entre os indivíduos,

que no decorrer do tempo essa relação é o que permite tanto o aperfeiçoamento dos sistemas como também da cultura existente entre o grupo:

[...] é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. (OLIVEIRA, 2004, pág.38)

O desenho para Vygotsky é um sistema de representação que está associado diretamente aos estágios de desenvolvimento da escrita, uma relação que se inicia com o rabisco até a compreensão do simbolismo e representação das letras.

Mas nesse caso os desenhos não são utilizados como forma de expressão individual, como atividade que se encerra em si mesma, mas como instrumentos, como signos mediadores que representam conteúdos determinados. (OLIVEIRA, 2004, pág. 71)

Portanto para Vygotsky, o desenho além de ser um sistema de representação que permite a interação e compreensão do mundo, assim como permite agir nele, o desenho também é um mecanismo simbólico de assimilação à escrita, culturalmente adquirido e que tem influência direta com o letramento (alfabetização).

Para a criança que vive numa cultura letrada, e será submetida a processos de alfabetização, o próximo passo envolve a assimilação dos mecanismos de escrita simbólica culturalmente disponíveis, isto é, o aprendizado da língua escrita propriamente dita. (OLIVEIRA, 2004, pág. 71)

Percebe-se que existe uma relação entre a visão de Vygotsky e Piaget, que para existir o desenvolvimento das aprendizagens a partir do uso do desenho, o indivíduo necessita da intervenção do meio, a partir das relações interpessoais os signos utilizados podem se tornar ferramentas mediadoras para a aprendizagem.

É importante que, principalmente na Educação Infantil, que as práticas de ensino sejam fundamentadas em entender as crianças, compreendendo o que cada uma traz à sala de aula, integrando práticas educativas baseadas em interesses pedagógicos que possam desenvolver seus potenciais de elaboração e expressão comunicativa. Albano (2004) (apud ANGOTTI, 2005) defende em sua pesquisa que a Arte é um caminho a ser explorado e que pensar sobre a Arte é reconhecer a existência de um potencial expressivo na criança, é reconhecer conceitualmente em sua inteireza e ter por finalidade o seu desenvolvimento: “Pensar sobre a Arte é reconhecer a existência de um potencial expressivo na criança,

significa reclamar o “homem” de corpo inteiro em seu processo de formação, reconhece-lo conceitualmente em sua inteireza e ter por finalidade o seu desenvolvimento pleno.” (ANGOTTI, M. 2005, pág. 26.)

No capítulo que segue, explanaremos o percurso metodológico utilizado nesse estudo, bem como os sujeitos e o campo de pesquisa que contribuíram para a construção dos dados a serem analisados.

3- METODOLOGIA

No presente trabalho, emergimos no campo de pesquisa buscando compreender as concepção e práticas docentes no que concerne o uso do desenho como atividade significativa diante o ensino/aprendizagem em sala de aula. Diante disso, buscamos analisar o cotidiano de salas de aula da Educação Infantil, respeitando todos os fenômenos da forma natural que eles acontecem tentando não permitir a existência de interferências externas.

Segundo Severino (2007) a pesquisa classifica-se como pesquisa de campo, que tem as seguintes características:

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim, diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador (SEVERINO, 2007, p. 123).

Com vista na presente pesquisa e nas características que assume diante dos objetivos propostos, o presente estudo é de natureza qualitativa. A dimensão qualitativa envolve o universo da produção humana, suas relações, representações e intencionalidade (MINAYO, 2009). Nos procedimentos analíticos na pesquisa qualitativa não há receitas ou fórmulas predefinidas, depende muito da capacidade e estilo do pesquisador (GIL, 2008). Dessa forma, há uma liberdade maior de interpretação dos dados e maiores possibilidades de análise sobre o mesmo objeto.

No presente trabalho, essa análise se constitui em um importante instrumento tanto ao analisarmos a prática da professora diante de questões relacionadas ao desenho e o contexto dele, como em relação ao próprio conteúdo representado nos desenhos produzidos pelos estudantes.

O tipo de pesquisa pode ser classificado como etnográfica, pois esse tipo de pesquisa visa compreender os processos cotidianos nas variadas modalidades, realizando um mergulho microssocial na realidade pesquisada (SEVERINO, 2007, p. 120). Dessa forma, o método de pesquisa que adotamos é o indutivo, pois parte de uma realidade específica para uma universal (GIL, 2008). Para Gil (2008), no método indutivo seguimos as seguintes etapas:

Nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer. A seguir, busca-se compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles. Por fim, procede-se a

generalização, com base na relação verificada entre os fatos e fenômenos (GIL, 2008, p. 10-11).

Desse modo, os instrumentos utilizados para a coleta de dados e para o alcance dos objetivos foram a observação, o desenho e a entrevista. Escolhemos observação é um por ser procedimento inerente a esse trabalho. Além disso, ela permite a redução da subjetividade devido ao contato direto com os fatos sem intermediação e se constitui como elemento base para análise e interpretação de dados nas pesquisas de campo (GIL, 2008).

O desenho utilizamos para melhor compreender os contextos em que as práticas pedagógicas estavam sendo desenvolvidas, a partir da produção das crianças podemos analisar junto a entrevista a intensão das professoras em desenvolver aquele determinado tipo de atividade com o desenho.

No que concerne à entrevista, para Marconi e Lakatos trata-se de “um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (2010, p. 195). A tipologia de entrevista escolhida foi a semiestruturada, que se caracteriza por um grau maior de liberdade ao entrevistado, podendo o pesquisador fazer adaptações necessárias e pertinentes durante sua execução (GIL, 2008; LÜDKE; ANDRÉ, 2012). Na presente pesquisa, a entrevista se constituiu em um importante aporte por permitir que sejam identificadas as concepções, percepções e representações dos sujeitos entrevistados. As visões dessas profissionais disseram muito sobre como concebem o desenho e como expressam essa concepção em suas práticas. Conhecer essa dimensão psíquica do entrevistado é compreender melhor o contexto pesquisado e os processos de ensino e de aprendizagem providos.

Com base nas questões éticas de pesquisa, adotamos por selar as imagens dos entrevistados. Os nomes quando usados serão fictícios e não serão divulgados para fins além dos de pesquisa. Para garantir esse posicionamento, optamos por utilizar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo principal objetivo é assegurar o anonimato e confidencialidade dos envolvidos e das informações prestadas (FLICK, 2013).

3.1 Campo de Pesquisa

O acesso às escolas foi conduzido pela Secretaria de Educação do município disponibilizando as instituições que fossem mais cabíveis para nossa pesquisa. Ou seja, que

indicasse escolas nas quais existissem professores com práticas pautadas nas atividades com desenho.

Assim, foram indicadas duas escolas municipais, sendo escolhida uma professora de cada uma das instituições indicadas. A escolha das professoras, se deveu ao fato delas lecionarem em turmas da última etapa na Educação Infantil, ano escolar que a pesquisa busca explorar se apoiando na afirmação de que as crianças entre 5 e 7 anos começam a desenhar com mais expressividade, organização e prazer:

Há uma necessidade afetiva de expressar-se num domínio simbólico, buscando entender o mundo e elaborar sentimentos em relação a temas que lhes são caros. (PILLAR. 2012, pág. 68).

Ainda, Pillar (2012) menciona o pensamento de Gardner (1982) que denomina esse período na vida das crianças como “a idade de ouro”, justificando esta denominação dizendo que é “aqui que florescem as capacidades de desenvolvimento artístico” (PILLAR. 2012, pág. 68). Deste modo, os sujeitos diretos da pesquisa foram duas professoras que lecionam no último ano da Educação Infantil em escolas públicas situadas na cidade de Garanhuns/PE. Os alunos foram sujeitos indiretos, pois analisamos os desenhos produzidos por eles no final das atividades e/ou no decorrer da observação.

Acompanhamos o cotidiano das professoras e das crianças durante cinco dias consecutivos a fim de coletar ou construir os dados necessários à pesquisa aqui em pauta. Vale mencionar que apesar da gente ter programado cinco dias de observação consecutivas, as instituições passaram por mudanças e devido a greve dos caminhoneiros que ocorreu durante esse período, as observações foram realizadas em duas semanas, seguindo os dias disponíveis que teve aula na instituição durante esse período.

A pesquisa seguiu três etapas. Inicialmente, observações das práticas das professoras visando conhecer os contextos abordados na produção de desenhos e as práticas desenvolvidas nessas produções. Em seguida, realizamos uma entrevista semiestruturada a fim de conhecer a concepção das docentes em relação ao planejamento, as suas práticas. E por fim, durante a análise da entrevista, abordamos questões específicas com a finalidade de compreender a função do desenho enquanto sistema de representação relacionado ao ensino e aprendizagem.

4- ANÁLISE DE DADOS

4.1 Analisando a prática da Professora A:

A primeira turma em que nos inserimos para observação da prática docente foi composta de 25 crianças matriculadas, formada por 10 meninos e 15 meninas, com uma frequência de 19 alunos durante as observações. A professora possui formação em Licenciatura em Pedagogia desde 2011 com pós-graduação em Psicopedagogia desde 2013. A professora trabalha em duas escolas pertencentes as redes particular e pública no município de Garanhuns. Como já foi dito no capítulo anterior, realizamos observações durante cinco dias. Registramos todos os acontecimentos e atividades num diário de bordo, para posteriormente realizarmos as nossas análises.

Atividades desenvolvidas (Professora A)	Dia 1	Dia 2	Dia 3	Dia 4	Dia 5
Acolhimento na chegada dos alunos	X	X	X	X	X
Correção das atividades de casa	X	X	X	X	X
Vídeos como suporte de ensino	X		X	X	
Diálogo e questionamento sobre os temas abordados	X	X	X	X	X
Cantar e dançar no decorrer das atividades	X	X		X	
Atividades em grupo		X			X
Atividades individuais	X		X	X	
Aula externa		X			X
Recorte e/ou colagem		X			
Atividades 1- Desenhar sobre o tema	X				
Atividades 2- Completando o desenho		X		X	

Para melhor compreensão da rotina da professora apresentamos um quadro com as atividades que a docente realizou durante a observação e logo em seguida prosseguiremos com as análises das atividades propostas. É importante salientar que as atividades expostas no quadro estão apresentadas na mesma ordem que aconteceram. Vejamos o quadro:

Durante as observações acompanhamos a professora desde a recepção dos alunos no pátio até a chegada dos pais dos alunos para levá-los para casa. No pátio acontece a acolhida das crianças e dos pais. Fazem algumas orações: o “Pai Nosso” e em seguida a oração do “Santo Anjo”. Logo após as orações eles cantam o hino da cidade de Garanhuns e são encaminhados para as salas com os seus respectivos professores.

É importante ressaltar que o município de Garanhuns adota como proposta os temas geradores. Em cada mês a Secretaria propõe dois temas para serem abordados com todas as turmas do município. Assim, verificamos que durante as observações das aulas as atividades propostas seguiam o tema: Maio Amarelo, ou seja, a temática tinha o objetivo de desenvolver a compreensão das crianças sobre o trânsito e os pedestres. Foi possível perceber que a professora A, apresentou certo desconforto em relação a essa questão dos temas geradores, mas que será melhor analisado posteriormente quando abordarmos a entrevista com a mesma.

Observando a correção da atividade de casa, verificamos que era uma atividade frequente, realizada em todos os dias pela professora. A correção da atividade foi feita de forma individual e, sem a participação das crianças na verificação dos equívocos, nem participam da explicação sobre a atividade a ser realizada. As crianças recebem o caderno corrigido e são liberadas para ficarem em suas cadeiras conversando, mas sob a supervisão da docente, que sempre analisa para ver se a turma está muito agitada.

A apresentação de vídeos às crianças foi uma atividade com boa frequência. Foi proposta durante três dias da observação. Os vídeos propostos para as crianças assistirem seguiam o tema gerador daquela quinzena que a professora estava trabalhando. Ela apresentava o vídeo, questionava as crianças sobre o contexto e dava explicações quanto ao conteúdo do mesmo junto as crianças que participavam das conversas com interesse. A utilização de outros recursos para o desenvolvimento de conhecimentos está previsto e

recomendada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil conforme o Artigo 9, inciso XII. Vejamos

Possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos. (BRASIL2009.)

Em relação aos Diálogos sobre os temas abordados, percebemos que a docente sempre buscou conversar sobre o assunto do trânsito, escutando o que as crianças conheciam sobre o tema, e ainda, criou histórias como exemplo para que as crianças argumentassem o que fariam em determinada situação. Todo o diálogo era baseado na realidade das crianças, partindo de exemplo que elas mesmas traziam. Um bom exemplo, foi dado por uma das crianças que relatou que o pai tinha uma moto e não gostava de usar capacete. A partir daquela “confissão” a docente sugeriu que elas mesmas falassem o que pensavam, intervindo sempre que era necessário.

Essa forma de condução da aula pela docente é defendida pelas Diretrizes Curriculares em relação à importância de se desenvolver o diálogo, as rodas de conversa e a interação, tanto entre professor/aluno como aluno/aluno:

Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza; (DCNEI. 2009. Art. 9, VIII)

Além dessa postura ela sempre buscou criar uma linha de raciocínio baseado nas respostas trazidas pelos alunos, exercitando as informações trazidas referentes aos vídeos assistidos.

Como pode ser visto no quadro acima, a música e a dança também estiveram presentes durante as atividades. A docente trouxe músicas que buscavam abordar o mesmo conteúdo que estava sendo trabalhado (educação para o trânsito). As cantigas foram propostas após a exibição dos vídeos. A professora pedia ajuda das crianças para afastarem as cadeiras formando um grande círculo a fim de obter mais espaço para dançar e cantar.

A atividade em grupo foi a produção de um cartaz (Anexo 01). No cartaz continham desenhos feitos pelas crianças. As crianças tinham dois desenhos cada uma, um era um carro que foi somente colorido por eles e o outro um desenho de um corpo humano, onde

eles desenharam os traços internos do boneco, de acordo com a vontade deles. Ou seja, a atividade proposta pela professora era o desenho de uma pessoa situada na faixa de pedestre, indicando o local do boneco e o carro de acordo com o conteúdo trabalhado, referente a educação para o trânsito. Conforme as crianças indicavam, a professora ia colando os desenhos no cartaz. O cartaz foi exposto no último dia da sequência nos corredores da escola para outras turmas e pais tivessem acesso e pudessem ver a produção realizada pela turma (Anexo 02).

Ainda tomando como referência a sequência de atividades expostas no quadro acima, os alunos também tiveram aula externa (Anexo 03). No segundo dia de nossa observação, a docente levou as crianças para fazer um passeio aos arredores do prédio onde a escola estava situada. Naquele período (a escola estava de mudança para um novo endereço) e, a ideia era aproveitar as faixas de pedestres e toda a sinalização que se encontrava naquele local para que as crianças pudessem ter o contato físico e continuar a conversar sobre o tema. Sobre a questão de ter acesso aos diferentes espaços para ampliação de dimensões espaciais e geográficas, as DCNEI recomendam como favorável esse procedimento. Vejamos:

Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referências das turmas e à instituição; (DCNEI. 2009. Art. 8, VI)

Outro momento em que as crianças foram levadas para aula externa, foi para apresentarem os cartazes no último dia de nossa observação, onde expuseram no corredor da escola junto de outros cartazes produzidos por outras turmas. Em relação a essa experiência com o meio no qual a criança está inserida, Piaget (1982, apud Pillar, 2012) revela que a partir da influência do meio, o sujeito adquire o conhecimento.

O sujeito aprende pela experiência, ou seja, pela sua exposição a certas situações, e a função da inteligência é registrar elementos dispersos que vão se associando para formar conhecimento. Há, então, um predomínio do meio sobre o sujeito, sobre a inteligência. (PILLAR. 2012, pág. 44)

Em relação aos desenhos das crianças, vale a pena destacar que foi entregue os cadernos de desenhos. E sempre que podia era solicitado algum desenho sobre o que aprenderam. Vale mencionar que a docente teve esse diálogo com as crianças trazendo informações para dar suporte e melhor situá-las sobre a atividade. Na análise da entrevista

traremos a concepção da professora sobre a intensão com essa atividade. As atividades foram corrigidas e os cadernos de desenho recolhidos (Anexos 04 e 05).

Outra atividade com o desenho realizada pela docente aconteceu no segundo de observação: a professora levou atividades (Anexo 06) pré-prontas para serem desenvolvidas a partir do desenho. A atividade foi realizada após a apresentação de um dos vídeos e, após as discussões. O objetivo da atividade era completar o desenho que apresenta um guarda de trânsito, um idoso e uma faixa de pedestres, onde o idoso está sendo conduzido pelo guarda para atravessar. As crianças são instruídas a compor o restante do desenho de acordo com todo o trabalho já desenvolvido até então com a turma, em seguida, a docente pede para que as crianças interpretem seu desenho de forma oral, uma criança por vez ela chama em sua mesa e questiona quais são os elementos que a criança inseriu no desenho e que ele descreva o desenho que foi complementado. Por fim ela corrige as atividades (Anexos 07 e 08) e recolhe os cadernos de desenho.

4.1.1 Análise da Entrevista da Professora A

Organizamos o roteiro da entrevista (Anexo 17) pensando em questões mais amplas sobre o planejamento, os documentos com os quais a docente se pauta para planejar e propor suas atividades, para posteriormente, aprofundar sobre as intencionalidades das atividades propostas às crianças e os objetivos a serem atingidos.

Questionamos, primeiramente, à docente se ela acreditava que promover interações com diferentes linguagens e saberes às crianças e, se isso pode contribuir para o desenvolvimento das mesmas? A professora acredita que por mais que existam propostas que contribuam trazendo diferentes formas de se desenvolver atividades significativas em sala de aula, o mais importante, é questão da diversidade, das múltiplas linguagens que as próprias crianças trazem e desenvolvem. Nas palavras da docente concordo que é fundamental a importância de se trabalhar diferentes linguagens. Porque assim, eu acho que os currículos em si trazem muita coisa, mas a experiência de mundo o que os alunos trazem, as diferentes formas deles se expressarem, acho que isso que é fundamental para o desenvolvimento deles (...) (Professora A)

É possível perceber uma coerência entre as DCNEI e o que pensa a professora, principalmente, na inclusão de experiências para que as crianças se apropriem de

diferentes linguagens e saberes que circulam na sociedade (BRASIL, 2009) Bem como está de acordo com o pensamento de Vygotsky sobre a linguagem(ano apud OLIVEIRA, 2004) como mediadora entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Completando o pensamento mencionado a docente fala sobre o desenvolvimento dessas linguagens:

(...) só trazer pronto não contribui muito, essa interação, essa forma deles se expressarem, tirar deles o que podemos desenvolver em sala, entendeu, utilizando a música, a expressão através da música, da dança, da Arte, a gente consegue muito mais coisas, aprendizagens significativas (...)
(Professora A)

Continuamos nossa entrevista com a professora A questionando sobre o planejamento escolar: como ele é construído e desenvolvido pela docente? Ela nos informa que as escolas constroem seu planejamento a partir da proposta pedagógica do município e de temas geradores propostos pela Secretaria de Educação. O planejamento é construído respeitando da faixa etária e a realidade da comunidade onde a escola se encontra. Os docentes fazem uma análise dos conteúdos e distribuem em quatro unidades, de acordo com a necessidade da turma. A docente menciona que esses conteúdos muitas vezes precisam ser trabalhados mais vezes e em mais de uma unidade, de acordo com o desenvolvimento da aprendizagem da turma:

Existem conteúdos que são trabalhados em mais de uma unidade, dependendo da dificuldade da turma. Nós fazemos uma seleção em cima da proposta geral do município. Geralmente utilizamos essa proposta como ela é apresentada, só que ela vem com a competência, com o objetivo e o conteúdo, aí a gente cria com a situação didática. (Professora A)

A docente faz uma análise e divide os conteúdos de acordo com a experiência em sala de aula e com as possíveis dificuldades que a turma possa se encontrar naquele determinado momento, partindo de conteúdos mais práticos de serem trabalhos até chegar a conteúdos com maior dificuldade. Esse aspecto é reforçado por Augusto (2014) quando aponta ser da responsabilidade do professor as mudanças necessárias e as adaptações possíveis aos seus alunos.

Ainda na temática do planejamento, os temas geradores propostos pela Secretaria de Educação foram abordados pela professora como uma espécie de imposição aos professores da rede de ensino. A maioria dos temas, segundo a professora A, é seguido a “risca” por

toda a rede do município, diferenciando somente a forma que o docente aborda o conteúdo. ela também faz críticas a esse sistema já que esses temas não mudam no decorrer dos anos, cabendo ao professor adaptar à faixa etária e inovar na proposta de abordagem do conteúdo.

(...) são vários temas, várias fichas, a gente segue à risca, porque é toda a rede, o que diferencia é a abordagem(...) (Professora A)

(...) porque você tem o conteúdo, tem o projeto e o tema gerador... então para você desenvolver tudo isso, acaba dificultando... trazer tudo para mesma linha (...) (Professora A)

A dificuldade em se ter uma organização com as propostas e temas geradores pode se tornar um desafio para os docentes, cabendo aos mesmos terem que se adequar e tentar dar conta do máximo de propostas possíveis, as vezes tendo que mesclar os conteúdos devido o tempo:

(...) o que eu faço, tento sempre, fazer, monto uma atividade, mas nessa atividade eu incluo, tipo, os eixos, tento incluir numa atividade linguagem, aí eu tento incluir a Arte, se for do projeto de alimentação essa escrita voltada para os alimentos, para a matemática as vezes eu posso fazer uma receita, porque aí puxa para matemática, puxar para alimentação... e assim vai, as vezes é uma salada mista, mas tem que dar conta(..) (Professora A)

Chegamos aos pontos mais específicos da entrevista. Perguntamos sobre como a docente inclui o desenho em seu planejamento e qual a importância de se desenvolver atividades com o desenho?

A Professora A responde que as atividades com o desenho sempre estão presentes em seu planejamento, desde brincadeiras que ela pede para as crianças representarem com o desenho até o exercício com atividades que desenvolvem da coordenação motora fina:

Nas histórias, conto, trago algum assunto novo para eles representarem, basicamente isso, brincadeiras e peço para eles desenharem, desenhar a brincadeira... sempre estou trazendo algo com o desenho e as vezes trago algo pronto para eles colorirem, para trabalhar a coordenação. (Professora A)

Percebemos que a inclusão do desenho em seu planejamento, promove nas crianças algo mais do que a própria ação de desenhar:

Acho que favorece na construção de mundo, na coordenação em si, questão do traçado, é muita coisa, principalmente a visão que eles têm,

questão de visão de mundo, construindo... porque ali eles estão representando o que eles absorveram. (Professora A)

Em relação a essa função do professor, Augusto (2014) defende que não existe intensão em tornar os docentes da Educação Infantil pesquisadores científicos especialistas no desenho infantil, mas educadores que tenham responsabilidade de propiciar condições e oportunidades para o desenvolvimento de aprendizagens com o desenho.

Questionamos qual o objetivo da Professora sobre a atividade realizada na produção do cartaz, onde as crianças desenharam os bonecos e pintaram os carros, e por fim colaram no cartaz.

Deixei eles livres, não tinha de fato o objetivo em cima deles, só era para colorir, mas era o que eu tinha trabalhado no dia, trabalhei o pedestre e o veículo, aí para eles colorirem, que tipo, complemento para eles fixarem mais um pouco. (Professora A)

Além de afirmar que a intensão era usar atividades como auxílio para melhor desenvolver o conteúdo, a docente explica que as atividades mais “lúdicas” contribuem para melhor desenvolvimento de aprendizagens:

Eu acho umas das principais coisas na educação infantil, a brincadeira em si, o lúdico, e o desenho, eu acho que são coisas fundamentais para serem trabalhados na educação infantil. (Professora A)

Esse tipo de compreensão é defendido por Augusto (2014) que acredita possibilitar o desenvolvimento e formulação de conhecimentos já adquiridos pelas crianças, podendo ajudar em uma melhor assimilação, partir das experiências com as diferentes linguagens artísticas.

Em relação a segunda atividade com desenho na qual ela apresenta algumas imagens e, pede para as crianças complementarem o desenho. A docente defende que o desenho não se trata de uma cópia mecânica, mas de um exercício que proporciona criações individuais a partir do que cada criança aprendeu:

Não, porque eu acho que cada um tem uma visão diferente, apesar de eu ter influenciado, eles não estão copiando, acho que cada um tem uma visão diferente, eles estão representando o que eles enxergaram, mas eu creio que não seja uma cópia mecânica não... (Professora A)

Como já mencionamos, Pillar (2012) menciona esse tipo de atividade como uma prática cujo intuito é produzir uma cópia conduzida por influências externas, onde o sujeito não teria consciência dessa atitude. Ou seja, há uma indução vinda do docente, mas que esse contato é fundamental para o desenvolvimento de aprendizagens, não necessariamente sob a indução, mas também em sua ausência, quando o objetivo é desenvolver outros aspectos:

(...)de fato eu induzi, mas eu acho que ele sendo tanto por indução como sendo livre, eu acho que você consegue tirar alguma coisa, serve também de aprendizagem(...) tem a questão dos traços, tem a questão da coordenação motora, da visão de mundo. (Professora A)

Portanto não se trata de uma reprodução de uma imagem ou de algo pré-determinado, podemos afirmar que o objetivo é buscar desenvolver aprendizagens a partir da interpretação de cada criança, das características únicas desenvolvidas por cada uma, levando em consideração o meio em que ela está inserida e toda uma cultura em que ela se encontra. Os desenhos solicitados pela docente foram feitos individualmente, onde cada criança realizou seu trabalho a partir das informações apreendidas no decorrer de toda aula.

Em relação aos desenhos pré-prontos para as crianças completarem de acordo com as informações apresentadas no decorrer das aulas, Pillar (2012) revela que não há um consenso entre os pesquisadores, mas que buscam descrever as relações de ensino/aprendizagem a partir do uso do desenho. A exemplo de Stern (1961, pág. 8) que diz que o desenho é “um meio de fixar rapidamente as ideias que se apresentam e se sucedem no espírito”. O pensamento do autor citado coincide com o que foi observado nas aulas da Professora A, quando a docente descreve que é mais fácil desenvolver atividades com algo mais “concreto” já que as crianças ainda são muito novas e algumas ainda não conseguiram desenvolver bem as capacidades para começar um desenho sem alguma referência. Portanto, essa atividade serviu de exercício para desenvolver melhor os conteúdos já apreendidos pelos alunos, conforme explicita a própria docente:

(...) então nessa questão de abstração para eles, para Educação Infantil, ainda é difícil, nessa idade eles ainda estão começando as construções, já estão construindo as hipóteses e tal, então facilita, mas que na educação infantil o concreto é bem mais fácil deles aprenderem do que com o abstrato(...) (Professora A)

A docente revela também que desenvolve atividades com o desenho com uma intenção representacional, mas que são fundamentais para o desenvolvimento de capacidades ainda não adquiridas ou como forma de avaliar a situação que alguns se encontram:

(...) e aí por isso que eu fiz aquele desenho, nem todos ainda... não sei se observou... conseguiram completar, faziam coisas soltas, então esse nível maturacional do cérebro diz que ainda não está desenvolvido. (Professora A)

Outro fator consciente, por parte da professora, são as necessidade e especificidade de desenvolvimento cognitivo das crianças e, que ela respeita e considera no processo de aprendizagem como um todo.

(...) a criança não absorve com tanta facilidade, tendo em vista que eles aprendem mais pelo concreto, então nessa questão de abstração para eles, para educação infantil, ainda é difícil, nessa idade eles ainda estão começando as construções, já estão construindo as hipóteses e tal, então facilita, mas que na educação infantil o concreto é bem mais fácil deles aprenderem do que com o abstrato. (Professora A)

Ainda, como mencionado mais acima, a docente aproveita a oportunidade com essas atividades para avaliar a situação de desenvolvimento de cada criança, servindo como diagnose para seu planejamento:

(...) aí eu vejo algumas atividades assim, para poder montar o relatório deles, como vai ter plantão agora... geralmente faço a análise dessas atividades para poder construir e ver aonde está a dificuldade... montar, construir como eles estão. (Professora A)

Ainda continuando o diálogo com a professora, sobre o uso do desenho como uma das linguagens principais utilizadas pelas crianças na Educação Infantil, ela revela:

A criança em si ela não tem, como posso dizer, ela ainda não consegue se expressar por palavras, e quanta coisa a gente consegue tirar do desenho, né? As vezes a gente pede uma coisa, e a gente talvez veja algo meio sem sentido, mas quando você para analisar de fato o que ele fez, a gente pode tirar muita coisa dali, principalmente com a realidade deles, tantas coisas eles podem expressar, tanto o que pedimos, como deles mesmos, questão de sentimento através dos traços e cores, muitas coisas eles colocam ali, de sentimento principalmente. (Professora A)

Portanto, o desenho permite a expressão da criança, sua manifestação, cabe ao docente buscar e explorar as produções feitas pelas crianças para poder entender e se comunicar com seus alunos.

4.2- Analisando a rotina e as atividades da Professora B:

A segunda sala de aula por nós observada, era a turma da professora B. a turma era composta por 25 alunos sendo 13 meninos e 12 meninas, com uma frequência de 20 alunos, nos dias observados. A professora tinha formação no normal médio, com cursos de Licenciatura em Letras e Bacharelado em Ciências da computação incompletos. É professora efetiva do município desde, atuando como professora da Educação Infantil.

Do mesmo modo do que foi feito na observação da Professora A, organizamos um quadro das atividades observadas e propostas pela docente. Salientamos também, que a exposição das atividades obedece a uma sequência temporal na rotina. Vejamos o quadro abaixo com as atividades realizadas pela professora B:

Atividades desenvolvidas	Dia 1	Dia 2	Dia 3	Dia 4	Dia 5
Acolhimento na chegada dos alunos	X	X	X	X	X
Correção das atividades	X	X	X	X	X
Diálogo e questionamento sobre os temas abordados	X	X	X	X	X
Cantar e dançar no decorrer das atividades	X	X	X	X	X
Atividades em grupo		X		X	X
Atividades individuais	X	X	X	X	X
Contação de história				X	X
Atividades 1- Desenhando com referência	X				
Atividades 2- Colorindo imagens		X		X	
Atividades 3 - Computador como suporte	X	X	X	X	X
Atividades 4 - Desenho como releitura (livro)		X			X

O acolhimento das crianças na escola da Professora B, era realizado tal qual foi observado na escola anterior, da Professora A. As crianças chegam pontualmente e já vão formando filas que ficam de frente com a gestão da escola, no pátio interno da instituição. Os professores quando chegam ficam à frente das suas respectivas turmas. Neste momento, fazem orações, acompanhados por seus docentes, e após as preces ouvem e cantam alternadamente os Hinos Nacional, Estadual e Municipal durante o decorrer da semana.

A professora B inicia suas aulas pedindo para que as crianças entreguem o caderno de atividades de casa para correção. As crianças dessa turma possuem dois cadernos, o caderno de atividades de sala e o caderno de atividades de casa. De modo distinto da professora A a professora B faz a correção da atividade de casa chamando um aluno por vez para discutir e ver pontos que podem ser corrigidos ou explorados junto às atividades trazidas pelas crianças. Após as correções a docente inicia as primeiras atividades do dia.

Em relação aos diálogos promovidos, é possível perceber que os questionamentos e diálogos sobre os temas geradores abordados¹ sempre estavam presentes na prática observada da professora, onde a docente demonstra buscar explorar os conhecimentos apreendidos até então pelas crianças. Os. Após analisarmos a rotina e as atividades da professora B, faremos uma análise sobre a entrevista que realizamos com a docente que aborda questões relacionadas a construção do planejamento e a inclusão do desenho na rotina da docente, assim como sua concepção e ponto de vista. Vale a pena destacar que a música, a dança, os questionamentos e o debate sobre os temas abordados estiveram presentes diariamente na rotina da Professora B.

Foram propostas atividades que desenvolviam as capacidades de compreensão da letra “f”, através de pesquisa em revistas, recorte e colagens. Em outros dias foi observado que a docente realizou outras atividades como com brincadeiras que familiarizam as crianças com seus respectivos nomes (já que uma parte da turma ainda não compreende as letras do alfabeto). Importante destacar que em todos dias observados a docente realizou leitura deleite em horários não programados, utilizando esse momento tanto como relaxamento, como à exploração de aprendizagens em relação à leitura e sua compreensão.

¹ A professora também estava abordando o tema do trânsito, maio Amarelo, tema proposto pela Secretaria de Educação para toda a rede municipal.

As atividades coletivas também estiveram presentes, e aconteceram em 3 dias dos 5 dias observados. Como mencionado na observação descrita da Professora A,

A primeira atividade com o desenho foi utilizada a partir da releitura de uma imagem (Anexo 09) como forma para apreensão do conhecimento. A professora questionando e escutava o que as crianças conheciam sobre a comemoração do São João (festas juninas). A professora B tentou explorar o máximo de conhecimentos referente a data que as crianças já conheciam. As crianças interagiram demonstrando conhecimento de poucos elementos contidos na imagem.

Em seguida a professora B entrega os cadernos de desenho e pede para que eles construam suas próprias histórias a partir da imagem que eles visualizaram, deixando-os à vontade para recriarem ou reproduzirem o que viram no momento anterior dessa atividade. A imagem é retirada do quadro e as crianças são acompanhadas pela docente e pelo apoio escolar, para saciar dúvidas ou dificuldades vindas das crianças, ao terminarem, elas vão sendo chamadas para uma breve análise de suas produções (Anexo 10 e 11), junto a professora .

outra atividade envolvendo o desenho foi realizada logo após as crianças voltarem do intervalo. Antes da atividade, a professora B iniciou um diálogo sobre a Copa do mundo de 2018². (, Com os questionamentos sobre o tema, a docente tentou criar associações entre as cores da bandeira e as cores dos uniformes dos jogadores, chamando atenção para que as análises das crianças e seus comentários. Em seguida, entregou folhas impressas com imagens de uniformes de jogadores, propondo que eles desenhassem o restante do corpo, e que por fim, pintassem o desenho.

Ao terminarem a atividade (Anexo 12), a docente vai chamando em sua mesa, uma criança por vez, para colar a foto do rosto de cada aluno no seu respectivo desenho.

² As observações ocorreram no período de pré-copa, portanto, um assunto importante a ser abordado naquele momento.

A terceira atividade proposta com o desenho pela professora B utilizou os netbook³ equipamento presente na escola. . Antes da utilização dos netbook's a professora leu o livro "Eu Adoro Palavras" de Vários Autores (autor), e em seguida propôs uma conversa sobre a história contada, que abordava a relação do "objeto" com sua letra inicial.

A proposta de atividade com os netbook's foi produtiva, pois a frequência das crianças da sala foi baixa, apenas 9 alunos dos 25, devido ao jogo do Brasil pela Copa do Mundo. As crianças foram organizadas em duplas, 3 duplas e 1 trio por netbook, e a docente pediu para que eles seguissem os comandos. A atividade com o netbook consistiu na construção bandeira do Brasil através do uso do programa Paint⁴. As crianças iam identificando as formas geométricas da bandeira suas respectivas cores. A professora disponibilizou uma imagem da bandeira do Brasil colado no quadro como referência. A medida que as crianças iam finalizando a atividade poderiam continuar desenhando ou escolher jogar alguns dos jogos educativos, já instalados nos netbooks. (Anexos 13 e 14).

Por fim, a última atividade com o desenho proposta pela professora B visou desenvolver a releitura com o desenho a partir da Contação da história, *Dez gatos que tangalomangaram*, da autora Amélia Albuquerque. O livro traz uma proposta de desenvolver a compreensão dos números de 1 a 10 de forma decrescente, onde os 10 gatos mencionados na história vão desaparecendo e as crianças devem ir acompanhando contando cada gato restante. No final a professora recolheu os cadernos com as atividades prontas (Anexos 15 e 16) e as crianças aguardaram a chegada dos seus pais, finalizando mais um dia na escola.

4.2.1 Análise da Entrevista da Professora B:

Da mesma forma que a professora A, questionamos a docente sobre o trabalho com as diferentes linguagens das crianças e como ela utiliza isso em seu planejamento, na sua rotina. A professora B também concorda com o fato de trabalhar diferentes linguagens na Educação Infantil já que para compreender as crianças de fato, ou até mesmo interagir, é

³ Esses equipamentos foram distribuídos pelo governo do Estado de Pernambuco, como material do PROUCA-Programa um computador por aluno, com o objetivo de introduzir o acesso a novas tecnologias desde a Educação Infantil.

⁴ Programa de computador que permite desenhar e pintar no computador.

necessário trabalhar diferentes linguagens, porque cada criança se identifica e utiliza de uma linguagem:

Aí a gente precisa explorar muito essas linguagens para contemplar as formas de aprendizagem de cada criança. Que as vezes tem criança que assimila mais com música, tem criança que assimila mais com a Contação de história, tem criança que assimila com outra ferramenta. Aí a gente tem que sair explorando para atingir os diversos públicos. (Professora B)

A professora B comenta sobre a prática do desenho, utilizando diferentes formas de produção a partir do uso de diferentes materiais:

Acredito que essa perspectiva da linguagem também seja nessa linha do ponto de vista do desenho, do material que a gente vai utilizar... a gente tem que fazer isso: atender as formas de aprender da criança. Se a gente não trabalha com as diferentes formas de aprender da criança a gente não considera as realidades deles também. (Professora B)

Sobre isso, Hanauer (2013) defende a diversidade de escolhas na produção artística, explicando que existe uma relação entre as linguagens e a expressividade da criança, que são motivadas pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Para a autora o desenho infantil permite o estabelecimento da relação entre a representação gráfica e a sua maneira de se expressar.

Abordamos a Professora B, para relatar sobre a construção do planejamento: como funciona sua elaboração, que métodos a docente utilizou durante esse processo. Ela nos informa que constrói o planejamento tentando adequar a realidade da turma, mas que segue a proposta pedagógica do município. Em relação à proposta do município ela revela: “Aí dentro da rotina a gente coloca as competências, as habilidades, os objetivos do que vai desenvolver com aquela atividade; são duas atividades por dia contemplando essas questões” (Professora B).

Verificamos que da mesma forma que a professora A, a professora B revela a dificuldade do trabalho com outras perspectivas curriculares, uma vez que a atual proposta se encontra em fase de reformulação:

A gente sabe mais ou menos o que a gente precisa contemplar dentro da Educação Infantil nos principais eixos. A gente tem um pouco de noção. A adequação à realidade da turma é que nem sempre... nem sempre os objetivos batem um pouco. Aí a gente tem os novos direitos de aprendizagem que já deveriam estar inclusos, mas não estão, que a nossa

proposta não contempla. Estão lá com outras linguagens e que, de repente, trabalhar com direito de aprendizagem seria mais fácil que com competência. (Professora B)

Em relação à inclusão do desenho no planejamento, a Professora B responde que o uso do desenho está descrito na proposta pedagógica, nos eixos de Arte. Portanto a partir dos eixos ela desenvolve atividades pelo menos duas vezes por semana, incluindo o desenho junto com outras atividades, como por exemplo, a Contação de histórias:

O desenho pelo desenho tá lá no eixo de artes. Aí dentro da nossa rotina a gente trabalha com artes duas vezes por semana. Só que não dá pra gente pensar em caixinhas separadas, hoje é dia das artes na educação infantil. Então o desenho vai tá na... após a Contação de história, vai tá como uma ferramenta de interpretação. (Professora B)

A docente revela consciência que o planejamento é algo flexível e mutável, que pode e deve ser ajustado de acordo com as necessidades das crianças, do professor e, das atividades propostas:

Ele não tá dentro da caixinha dos eixos de artes na terça e na sexta. Ele está dentro da minha rotina de acordo com o que eu pretendo trabalhar naquela semana (Professora B)

Conforme foi possível verificar na descrição das atividades do quadro, a docente utilizou o desenho de diferentes maneiras e em situações distintas, utilizando materiais e ferramentas diversas. Segundo ela, o desenho não teria um espaço definido em sua rotina, mas ele está sempre presente: “Se eu trago uma temática nova (...) o desenho vai vir para somar nesse processo”.

Questionamos a docente, de modo mais específico sobre a intenção dela nas atividades propostas para as crianças desenharem. Retomamos a atividade que buscou desenho a partir do desenho a releitura de uma imagem que depois recolhida para que as crianças não desenhassem os mesmos elementos que continham na imagem. Vejamos o que a Professora B nos revela:

Uma vez por semana a gente tenta trabalhar com o reconto dentro do planejamento por meio do desenho. (Professora B)

A docente afirma que esse tipo de atividade se encontra na proposta pedagógica do município cuja intenção é desenvolver nas crianças as capacidades relacionadas a releitura de imagens e a inclusão no meio social a partir dessa atividade. Verificamos que na

proposta do município existe a descrição das capacidades das crianças que devem ser desenvolvidas pelos professores da rede:

- 1 - Reconhecer as artes visuais como um meio de comunicação, expressão e construção do conhecimento.
- 2 - Expressar-se livremente por meio de desenhos, pintura, colagem e escultura.
- 3 – Fazer leitura e releitura de obras de arte e artistas. (GARANHUNS.2018, págs. 50 e 52)

A partir disso, verificamos uma coerência entre as atividades planejadas e o que é preconizado e orientado pela proposta do município e, que essa atividade contribui para avaliação do desenvolvimento das crianças e suas aprendizagens, como expõe a professora B:

(...) para ver como está a produção, como é que eles estão interpretando e a quantidade de elementos que eles estão colocando a mais nos desenhos, enxergar personagem ou criar personagens. E aí você percebe como está o imaginário, a quantidade de elementos que eles conseguem colocar dentro e que eles conseguem perceber que falta no desenho. (Professora B)

Observamos que essa atitude não foge do que os estudiosos do desenho propõem. Hanauer (2013) defende a exploração do desenho vindo por parte do docente junto à criança, utilizando de sua capacidade simbólica para explorar conteúdos significativos. Portanto, explorar diferentes atividades que permitam a manifestação dessa capacidade de representação simbólica que existe nas crianças, pode permitir as crianças criarem e recriarem significações:

Com caráter livre e espontâneo, o desenho permite que a criança, desde a mais tenra idade, conquiste sua relação com o mundo real e imaginário, criando e recriando significações. (Professora B)

Vale mencionar que a intensão de se trabalhar com releitura não é (re)produzir uma cópia da imagem disponível, mas permitir novas construções a partir de uma referência, segundo a professora B:

Porque também a ideia não é fazer a réplica quando a gente trabalha com releitura, né? É que eles coloquem aqueles elementos que eles lembram, que acham mais importantes, que tem mais a ver com a realidade deles. (Professora B)

Também questionamos sobre a intencionalidade docente em relação a atividade de desenhar os membros de um boneco, pintar seus uniformes e a colagem das fotos das crianças em suas respectivas produções. A docente explica:

Era para ver essa questão dos elementos que eles conseguiam colocar dentro do corpo humano, né? Não uma atividade de artes propriamente dita, mas a gente estava trabalhando o conhecimento do corpo humano naquela atividade. (Professora 2)

A professora revela um conhecimento amplo sobre o que as crianças precisam desenvolver e, revela que tais estratégias auxiliam algumas crianças têm dificuldade em desenhar detalhes e que isso influencia em outros desenvolvimentos:

(...) porque a gente já tem muita criança que está na fase do risco ainda. Aí coloca lá o risco, não coloca dedo, faz lá os braços e não coloca dedos. Aí já tem uns que colocam lá os risquinhos que são as dobrinhas do braço. Então a ideia era observar um pouco disso. Teve aluno que fez chuteira, teve aluno que não fez. (Professora B)

Tal competência a ser desenvolvida está explicitada na proposta do município, orientando os docentes a relacionar as partes do corpo humano com atividades que busquem desenvolver as noções básicas sobre a localização e nomes de cada parte e órgão do corpo humano, como também, buscar explorar esses conteúdos partindo de situações do cotidiano das crianças.

Ainda, Pillar (2012) descreve que esse tipo de abordagem tem como objetivo explorar a percepção da criança, conhece a construção do desenho a partir de características globais.

Segundo a autora, esse tipo de abordagem busca desenvolver os conceitos básicos já estruturados na concepção das crianças, buscando criar um aperfeiçoamento a partir do conhecimento prévio existente (PILLAR, 2012).

Sobre a terceira atividade realizada com os netbooks do PROUCA, Lisboa (2015), revela que a utilização da informática na área da educação é possível desenvolver diferentes conteúdos. Sobre o uso dessa ferramenta a professora B revela

Aí eu usei o *paint* como ferramenta de desenho para trabalhar coordenação motora, na perspectiva do desenho, de elemento, de cor, de símbolo; mas principalmente a coordenação motora porque eles estão

nessa fase de aprimorar a coordenação motora fina para melhorar o traço, para melhorar o controle. (Professora B)

Rosa (2011) analisou a concepção dos docentes. A autora descreve os trabalhos realizados em sala de aula com o uso da informática aliado à educação, e revela que a interação da criança com a informática possibilita diferentes desenvolvimentos, e que, quando o docente explora de forma consciente essa ferramenta, pode se obter resultados satisfatórios, inclusive, com o desenho. Por parte da Professora B existiu uma intenção consciente, quando tenta trabalhar a partir do uso do netbooks o desenvolvimento de diferentes pontos necessários para o desenvolvimento das crianças. Ou seja, ela afirma que utilizou de métodos para buscar desenvolver conhecimentos específicos:

Porque eles não trabalhavam a bandeira com as formas que tem no *paint*, com o retângulo, com o círculo, com (...) era o traço mesmo! Traçar o quadrado usando o mouse, traçar o losango usando o mouse. Nessa o objetivo era explorar bem a coordenação motora. (Professora B)

Para finalizar, perguntamos quais as possibilidades que o desenho pode fornecer sobre a relação ensino/aprendizagem. Vejamos qual a concepção que ela revela:

É a ferramenta que a criança tem, principalmente as mais tímidas, de se expressar. A gente tem que trabalhar oralidade, e saber como é que a criança tá. E o caminho mais curto muitas vezes para conhecer a criança é por meio do desenho, ver como ela traz o traço, o que ela traz de elemento no desenho quando é um corpo, uma paisagem, aí a gente já vê o que ela já tem, o que ela traz de casa e como a gente pode trabalhar melhor. (Professora 2)

Além desses aspectos a docente expõe que o desenho funciona como uma fonte de informações sobre os sujeitos. .

O cartão de visita da criança é sempre o desenho, principalmente na fase de adaptação quando a gente trabalha na Educação Infantil. Não dá muito para saber o nome, de onde vem, do que gosta, qual a cor preferida; mas quando a gente passa o desenho, trata o desenho, pede para fazer o desenho da casa, aí a gente percebe a cor preferida, quantas pessoas moram na casa. Eles trazem isso por meio do desenho e nem sempre conseguem colocar isso oralmente. (Professora B)

Se eu uso e se eu tenho o desenho como uma ferramenta de conhecer o meu aluno e de saber o quanto ele se apropriou de determinados conteúdos ou quanto ele traz de casa então eu preciso do desenho nessa perspectiva (...) porque eu tenho que considerar que tem alunos que aprendem e se expressam de diversas formas. (Professora B)

CONSIDERAÇÃO FINAIS

As atividades propostas pelos docentes que lecionam no último ano da Educação Infantil encontram no desenho possibilidades de comunicação e reflexão sobre esta e as múltiplas linguagens.

Contudo, o trabalho docente nessa perspectiva exige uma organização do planejamento. Para tanto, os docentes encontram dificuldades, principalmente, quando são impostos os temas geradores como “obrigatórios” obrigando-os fazer adaptações em seu planejamento, elaborar atividades voltadas para a faixa etária das crianças e ainda inovar nas abordagens, já que os temas não mudam no decorrer dos anos. Essa “imposição” por parte da Secretaria, pode gerar uma abordagem pedagógica repetitiva sem aprofundamento nos conteúdos. Mesmo assim, os docentes observados, se esforçam para elaborar um planejamento adequado a proposta do município buscando suprir as necessidades de aprendizagem da turma,

De acordo com o que foi analisado, o desenho é visto pelos professores A e B, como uma linguagem da criança, como forma de comunicação, expressão, sentimento e brincadeira. As diferentes atividades propostas permitiram compreender o papel do desenho nas práticas pedagógicas observadas.

Ambas as docentes estão cientes de que a ideia não é transformar as crianças em verdadeiros artistas, nem elas próprias se tornem especialistas do desenho. É importante propor tais atividades permitindo que as crianças se tornem livres para se expressarem de diferentes formas, sozinhas ou acompanhadas pelos docentes.

Para as docentes aqui observadas, o desenho possibilita o desenvolvimento e a formulação de conhecimentos já adquiridos pelas crianças. O desenho em si, não se trata de uma cópia, mas sim de uma releitura de mundo, buscando desenvolver aprendizagens a partir da interpretação de cada criança, das suas características impressas no papel, mergulhadas em sua cultura e na sua realidade.

Os desenhos podem refletir a realidade das crianças desde que os docentes se permitam analisar, comparar, discutir e provocar as crianças e suas produções para aproveitar-se o máximo dessa linguagem. Já que é uma linguagem expressiva, que reflete o processo vivencial e existencial da criança, contribuindo para uma reflexão sobre o mundo real expressando seus sentimentos, desejos e dificuldades.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Maristela. **Educação Infantil: para quê te quero?** Organizado por Carmem Maria Craidy e Glásis Elise P. da Silva Kaercher – Porto Alegre : Artmed, 2001.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **Ver depois de olhar. A formação do olhar dos professores para os desenhos das crianças.** 1. ed. São Paulo : Cortez, 2014.

BRASIL. Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF : Senado Federal. 1988.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente:** Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Lei n. 10.172, de 20/12/1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, DF : MEC, 2007

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica.* Conselho Nacional da Educação. *Câmara Nacional de Educação Básica.* **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral.** Brasília : MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC / SEF, 1998.

FARIAS, Vitória. SALLES, Fátima. **O currículo em ação na Instituição de Educação Infantil.** Belo Horizonte. ed. 1, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Porto Alegre : Penso, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo : Atlas, 2008.

GOBBI, Márcia. **MÚLTIPLAS LINGUAGENS DE MENINOS MENINAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.** USP, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6678-multiplaslinguagens&Itemid=30192 Último acesso: 16/08/2018.

HANAUER, F. **Riscos e rabiscos – O desenho na Educação Infantil.** São Paulo : PERSPECTIVA, Erechim. v.37, n.140. dezembro/2013

KUHLMANN, Junior Moysés. **Infância e educação infantil uma abordagem histórica**. Porto Alegre : Mechação, ed. 4. 1998.

KRANER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil (A Arte do disfarce)**. Rio de Janeiro. ed. 2. 1984.

LISBOA, Liziane Zanon. **Contribuições da informática na educação**. UFRGS. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/133713/000981780.pdf?sequence=1>
Último acesso em: 16/08/2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo : EPU, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo : Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

OLIVEIRA, Marta Kohl de Oliveira. **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico**. São Paulo : Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **O currículo na Educação Infantil: o que propõem as novas Diretrizes nacionais?** Anais do I Seminário nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho como sistemas de representação**. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre : Penso, 2012.

Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para a construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. MEC/SEB/UFRGS – Maria Carmem Silveria Barbosa (consultora). **Práticas cotidianas na Educação Infantil – Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília. 2009.

ROSA, Críssia Passos. **O COMPUTADOR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Programa de Pós-graduação em Informática na Educação – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IF-AM). Manaus, 2011. Disponível em: <http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/1018/769>
Último acesso: 16/08/2018.

SAVIANI, Nereide. **Educação Infantil versus educação escolar? Entre a (des)escolarização e a precarização do trabalho pedagógico nas salas de aula /**

Alessandra Arce & Mara Regina Martins Jacomeli, (organizadoras). - - Campinas, SP : Autores associados, 2012. - - (Coleção educação contemporânea).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo : Cortez, 2007.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo : Pioneira Thomson Learning, 2003.

ANEXOS



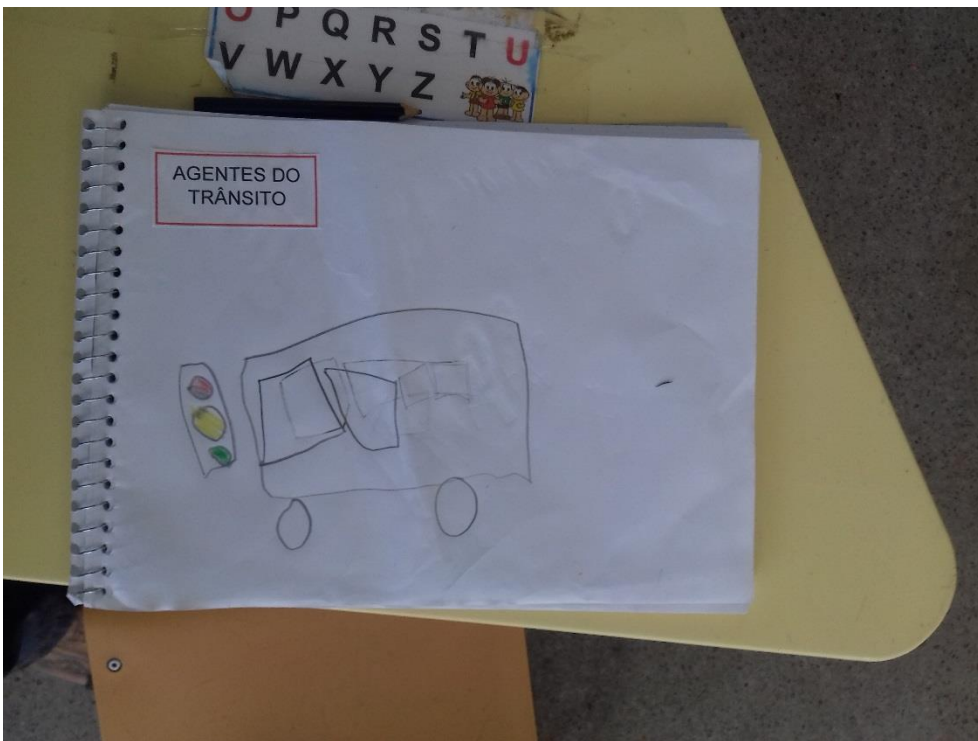
Anexo 01: Produção coletiva do cartaz referente a educação para o trânsito.



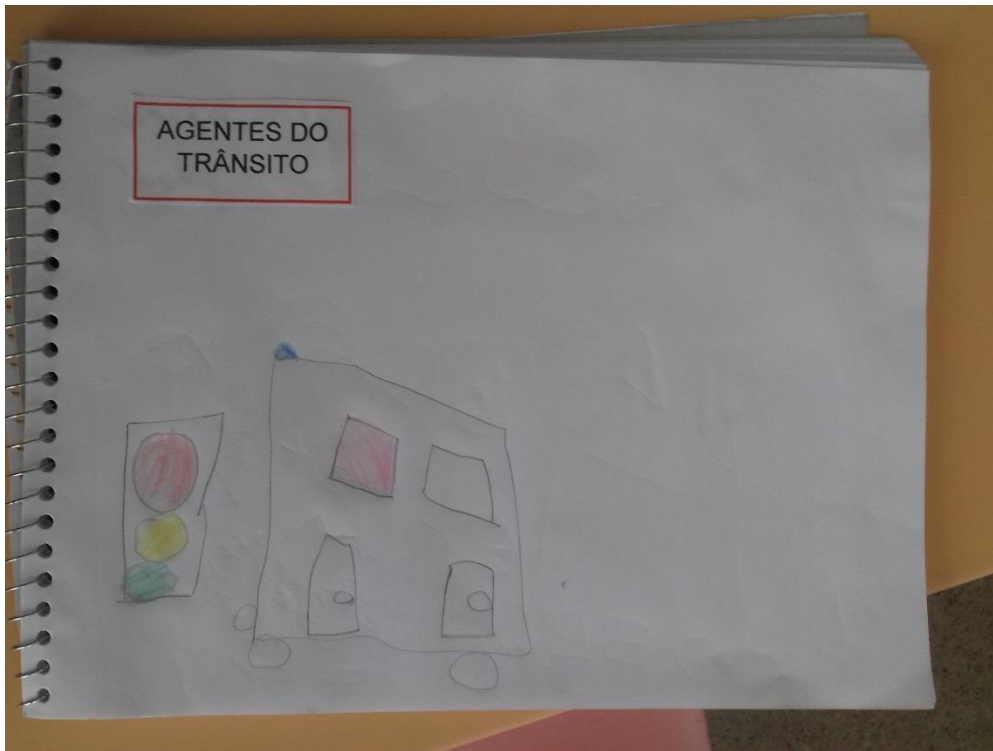
Anexo 02: Cartaz exposto no corredor da escola no final da sequência.



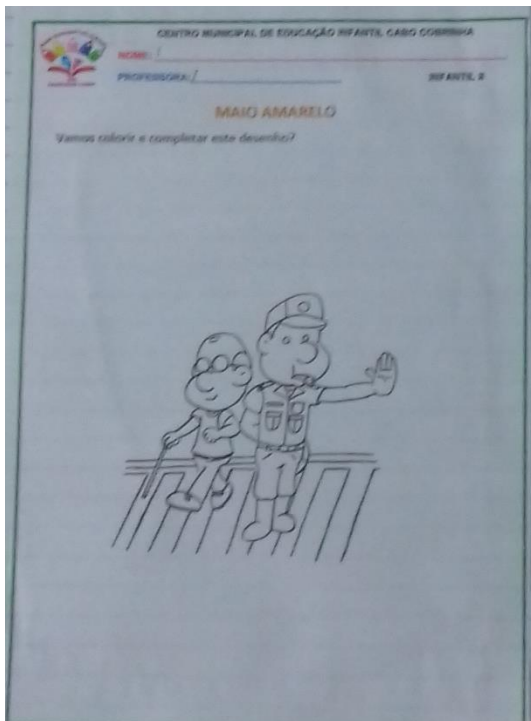
Anexo 03: Atividade externa pelos arredores da instituição.



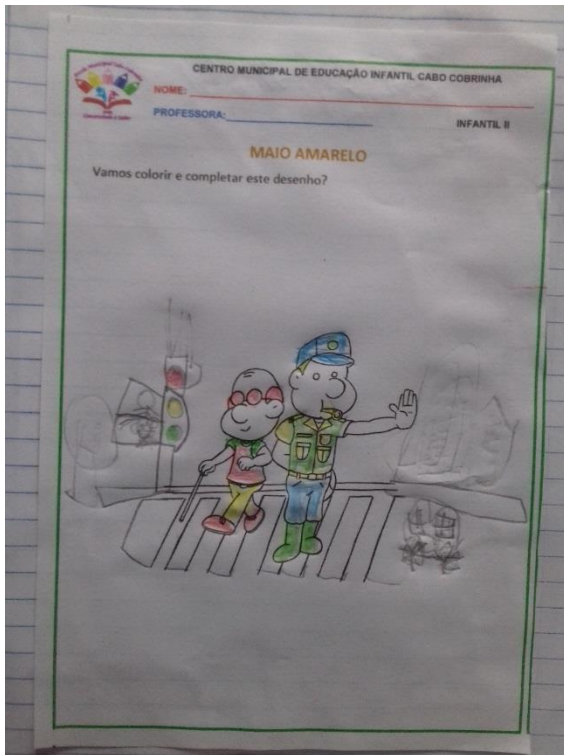
Anexo 04: Desenho produzido pela criança X.



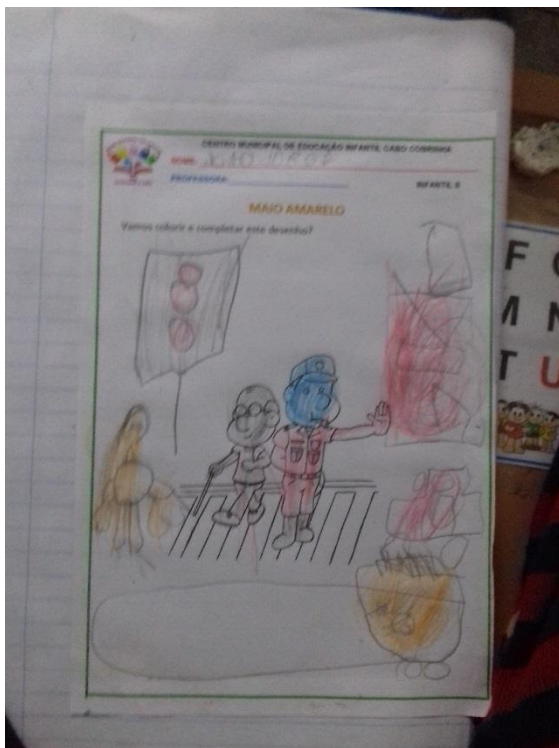
Anexo 05: Desenho produzido pela criança Y.



Anexo 06: Atividade pré-pronta desenvolvida pela professora A.



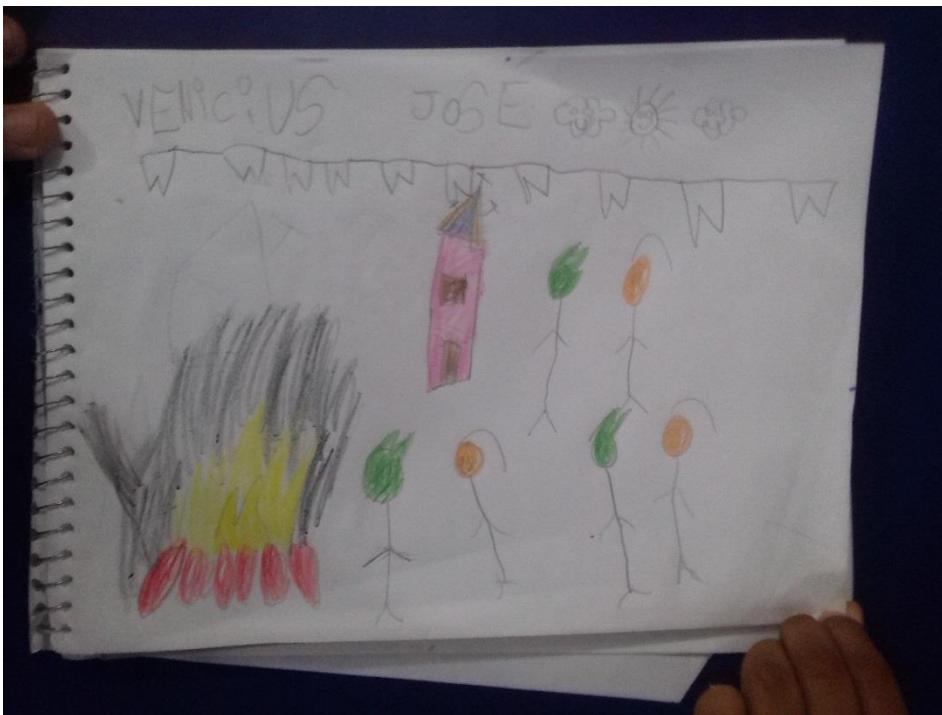
Anexo 07: Atividade pronta da criança X.



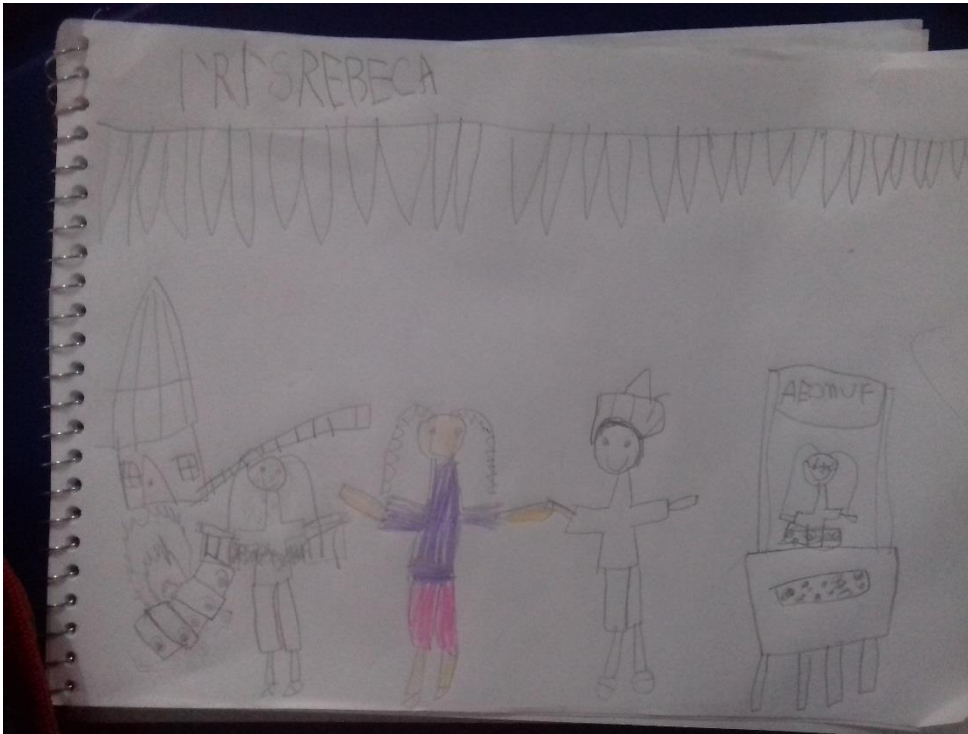
Anexo 08: Atividade pronta da criança Y.



Anexo 09: Imagem explorada para releitura a partir do desenho pela professora A.



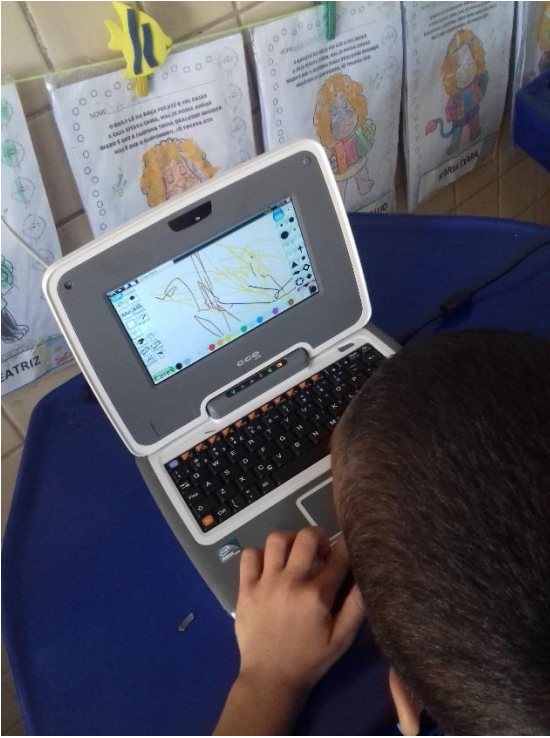
Anexo 10: Atividade desenvolvida pela criança X.



Anexo 11: Atividade desenvolvida pela criança Y.



Anexo 12: Atividades produzidas pelas crianças referente a copa do mundo.



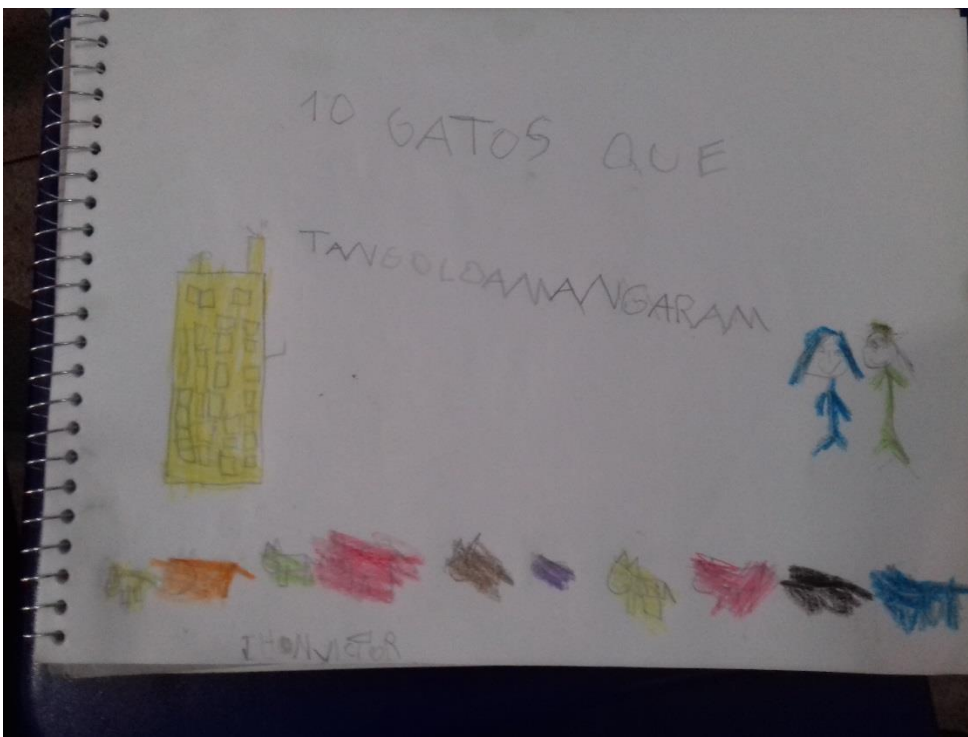
Anexo 13: Criança desenvolvendo atividade com os netbooks do PROUCA.



Anexo 14: Professora B auxiliando no manuseio dos netbooks.



Anexo 15: Atividade realizada pela criança X.



Anexo 16: Atividade realizada pela criança Y.

Anexo 17: Roteiro utilizado para entrevista com a Professora A e B:

1. A proposta e o planejamento pedagógico

- a) Nas diretrizes (DCNEI) há o indicativo de que nas propostas pedagógicas incluam-se experiências para que as crianças se apropriem de diferentes linguagens e saberes que circulam na sociedade. De que forma você acredita que promover interações com as diferentes linguagens e saberes podem contribuir para o desenvolvimento das crianças?
- b) Na Proposta pedagógica do Município há algumas indicações para o professor utilizar o desenho de diferentes formas. Como você utiliza o desenho em sua sala?

2. O desenho e as práticas pedagógicas

- a) Como você utiliza o desenho em seu planejamento? Qual o lugar do desenho em sua rotina?
- b) Observei que você utilizou durante as observações o desenho como forma de concretizar o conteúdo abordado. Explique um pouco qual era a sua intenção em utilizar o desenho durante esses dias.
- c) Quais relações podem ser mantidas entre o desenho e os diferentes conteúdos abordados em sala de aula? Cite alguns exemplos de como você utilizou o desenho e obteve resultados diante seu planejamento.

3. A visão docente sobre o desenho

- a) O desenho infantil é considerado por diferentes autores como Analice Dutra, Jean Piaget, Vygotsky, entre outros, como uma linguagem da criança. Para você, o que o desenho infantil pode transmitir ou permitir ser sentido e desenvolvido em sala de aula?
- b) Qual a importância do uso do desenho na sua opinião? Você teve alguma experiência marcante com o desenho? Conte um pouco dessa(s) experiência(s).
- c) Segundo Hanauer (2013) o desenho pode permitir o desenvolvimento de diferentes aspectos emocionais, intelectuais, físicos e mentais na criança. Com referência a essa afirmação, você já constatou a partir do uso do desenho o desenvolvimento de algum desses aspectos? Se sim, cite exemplos de cada um dos aspectos que você já experimentou em sala de aula.
- d) Quer fazer algum comentário sobre o uso do desenho e da Arte como suporte para o desenvolvimento de aprendizagens?

As perguntas acima serviram como roteiro para a entrevista realizada com as professoras A e B e ainda foram incluídas questões no decorrer do diálogo que abordavam as atividades observadas.